

Apresentação

Como preâmbulo desta seção, o Conselho Editorial da presente edição salienta a honra de participar deste momento da Revista Mosaico, elevada à classificação Qualis-CAPES A3 na última avaliação, no final do ano de 2022. Destacamos a confiança depositada por autores e pareceristas neste projeto e conscientes de que usufruímos dos resultados obtidos graças ao empenho de grupos de editores anteriores, atuantes desde 2009, agradecemos a todos que se dedicaram em fomentar este legado e esperamos representá-los a contento.

A Revista Mosaico dedica esta edição às Tradições Populares dos vários "Brasis", suas impressões e representações, propondo uma reflexão especial e repleta de significado. Após uma sequência de edições que buscam elucidar/denunciar problemas enfrentados na realidade brasileira, o Conselho Editorial opta por um Dossiê Temático que valoriza o processo de construção sócio-histórica-cultural, sem desconsiderar suas descontinuidades e contradições, com o intuito de apresentar a diversidade da cultura brasileira, os muitos Brasis, encontrados em uma identidade fluida, que se une e se distingue a partir de festas, culinária, saberes, rezas, músicas, sotaques, medicinas, ritmos e cores. Adentro das Tradições Populares dos "Brasis", o periódico apresenta uma abordagem que tenta expor a influência dos vários povos e etnias que formam a brasilidade e seus meandros.

Colocar em perspectiva a ideia das Tradições dos "Brasis" em suas várias facetas é substantivo para traduzir o nosso país e a nossa gente. Nesse contexto, são relevantes as obras que traduzem o Brasil com suas virtudes e contradições que se entreolham. Por isso, as discussões propostas envolvem a formação dos múltiplos vieses dos nossos traços identitários, buscando assinalar a ampliação do debate sobre os variados espaços de representações populares, como experimento matriz de identificação, de resistência e até subversão.

A grandeza e a pluralidade do Brasil vão muito além da extensão do seu território e da trivial máxima "Oiapoque ao Chuí", envolvendo a sua pluralidade e seus mais férteis diálogos multidisciplinares. Assim, estudos voltados a observar

as práticas socioculturais estão contemplados nessa proposta, contribuindo com o fomento do diálogo com diferentes produtores de saberes nos seus respectivos campos de atuação.

Deste modo, apresentamos na sequência artigos e pesquisas acadêmicas que demonstram parte da miríade e da riqueza das tradições. O Dossiê é iniciado com o texto de Vitor Padilha Mattos sobre o mito fundador do Carnaval Carioca, enfocando a figura do Zé Pereira e sua trajetória durante seis décadas (1850-1910), além da tentativa de alguns cronistas de “tradicionalizar” o folguedo.

Continuando sobre manifestações que se apropriam do espaço público, Ricardo César Carvalho Nascimento e Joel Oliveira de Araújo trazem os Cocos Urbanos do município de Fortaleza, uma mescla de dança, música e performance popular do nordeste brasileiro, que tem se destacado por sua inserção no mercado da cultura nos grandes centros urbanos.

Para o sudeste, Nayara Ferreira Lacerda descreve o Jongo, patrimônio imaterial registrado em 2005, uma referência cultural afro-brasileira que desde o século XIX desempenha um papel de resistência negra, consolidado como importante canal de articulação das comunidades jongueiras e de remanescentes de quilombos na luta por direitos socioculturais.

Adison Cesar Sousa dos Santos e Vânia Maria Torres Costa caracterizam, por sua vez, o ritual de devoção popular ao São Benedito de Bragança, um santo negro na Amazônia Brasileira, a partir do relato de grupos que efetivam a prática da esmolação, cortejo prejudicado durante a pandemia de Covid-19.

Igualmente na Amazônia e vinculada à Semana Santa, Miguel de Nazaré Brito Picanço descreve os movimentos operados nos ciclos rituais, nas rotas e trajetórias da mandioca e suas implicações na vida coletiva dos católicos durante a festa da Páscoa em Araí, onde a raiz é convertida em um bolo sagrado (beiju), produzido, trocado, retribuído e coletivizado pelos e entre os católicos daquele lugar.

Ainda dentro das vivências da religião católica refletidas nas experiências culturais e sociais, têm-se as tentativas de patrimonialização da Festa em Louvor

à Nossa Senhora da Guia, em Firminópolis, e da Igreja de São Pedro dos Pescadores, em Fortaleza. Wlisses Cavalcante Santos e Maria Dailza da Conceição Fagundes são os autores do primeiro trabalho, e procuram observar as relações entre memória, identidade e bens culturais, valendo-se da ideia de que o patrimônio cultural deve ter significado para a comunidade na qual está presente. Seguindo raciocínio semelhante, João Lucas Vieira Nogueira e Thais Oliveira Ponte utilizam a arquitetura como forma possível de construção de redes culturais e de saberes, relacionando questões econômicas, políticas e sociais na interlocução de um tombamento.

Já em transição entre os costumes conectados com o sagrado e os fazeres, as rezadeiras e as curandeiras são elencadas na busca de evidenciar processos de colonização entrelaçados às tentativas de apagamento político dos conhecimentos tradicionais femininos. Rafaela Werneck Arenari Martins, Adriely de Oliveira Clarindo e Mauro Macedo Campos escrevem sobre a “caça às bruxas”, que visa o extermínio epistemológico desses saberes, ao passo que desvaloriza e demoniza corpos e subjetividades.

Concomitantemente, todavia de maneira mais harmoniosa, Poliana de Almeida Bruno e Cristiane da Silveira relatam a ciência transmitida pelas vozes anciãs de uma aldeia indígena, inclusive para cura e parto, demonstrando a importância da transmissão de experiências e códigos de conduta/ bem viver, a partir da contação de histórias durante os momentos de trabalho e descanso.

A oralidade e a literatura são temas também de outros três artigos, de Rodrigo Gonçalves Duarte e Leonardo Felipe Gonçalves Duarte, Renata Junqueira de Souza e Naelza de Araújo Wanderley, e Anna Carolina Deodato da Silva, com análises de contos, cordéis e narrativas que tratam o cotidiano brasileiro, sobretudo da Região Nordeste.

Enquanto abordagem mais específica sobre a língua portuguesa, algo que representa o país como nação, a dualidade entre o nacional e o internacional é, em certa medida, objeto do trabalho de Elzimar Fernanda Nunes Ribeiro, visto criticamente por intermédio da música brasileira, sobretudo o LP Transa de Caetano Veloso e a Tropicália.

Os quatro últimos artigos refletem pontos de regionalismos, de influência

de migrações e de desenvolvimento dos locais, inclusive por meio das interações socioambientais. Isabela Soraia Backx Sanabria trabalha identidades culturais, memórias e discursos, a partir de uma exposição realizada no Parque Nacional do Iguaçu. A exposição Memória das Cataratas apresenta uma operatividade simbólica, com recursos que distinguem e aproximam as diversas comunidades locais, que se relacionam entre si, no oeste do Paraná. Já Rita de Cássia Lara Couto resgata memórias familiares de descendentes dos imigrantes alemães e tirolezes, revelando nuances de legados imateriais em Juiz de Fora. Helena Thomassim Medeiros, Daniel Maurício Viana de Souza e Diego Lemos Ribeiro analisam a cidade de Gravataí, localizada na região metropolitana de Porto Alegre, e interrogam a possibilidade de um patrimônio decolonial dentro do contexto brasileiro, valorizando bens materiais e tradições de origens diversas e não apenas de heranças europeias. Por fim, Tatiane Perucelli, Miguel Archanjo de Freitas Junior e Fernando Renato Cavichioli fecham os artigos da seção temática com a explanação acerca da identidade cultural gaúcha e a formação/manutenção desta fora do Rio Grande do Sul.

O Dossiê é contemplado com uma entrevista de Raimundo Medeiros de Carvalho Filho (Mestre Karabayara) concedida aos integrantes do Conselho Editorial, Aline Cristina Gomes Ramos e Vitor Hugo Haidar da Silva. Mestre Karabayara é sacerdote umbandista há trinta e dois anos, gerenciando a Tenda de Umbanda Estrela Matutina, localizada em Campinas, São Paulo. Em depoimento, no qual recupera parte de sua experiência e trajetória dentro da Umbanda Iniciática, suas falas se concentram em transmitir “amor e sabedoria”, sendo uma leitura descontraída e leve que favorece esclarecimentos sérios, trazendo-os de forma lúdica e crítica para dentro do meio acadêmico, em um período de tanta intolerância religiosa.

Finalizamos com uma proposta iniciada nesta edição, as produções artísticas visuais, ou seja, reproduções de pinturas, fotografias, gravuras, desenhos, colagens, charges, dentre outras obras autorais, com alinhamento à temática do Dossiê. Assim, destaca-se o trabalho de Giulia Araújo, com uma obra que provoca uma reflexão decolonial sobre o uso da matéria-prima, miscigenação, bem como o próprio tempo, além de elementos que representam o

Brasil historicamente.

Para edição Nº23, recebemos, até o encerramento da chamada em fevereiro, 73 trabalhos e contamos com a colaboração de 123 pareceristas, doutores e doutorandos vinculados a diversas instituições acadêmicas de todas as regiões deste país, somado a: Alemanha, Estados Unidos e Portugal. Em consequência, além dos textos relacionados com o Dossiê, oportunizamos a leitura de artigos livres, notas de pesquisas e uma resenha, representativos de diversas áreas das humanidades.

Desejamos a todos uma boa leitura.

Conselho Editorial da Revista Mosaico